



José Cardoso Pires

## Amor é cego e mata

“**ARTUR, HÁ** paixões que só se revelam na desgraça.” Esta sentença debitei eu há dias no bar do Tivoli a um libertino aposentado que vestia à inglesa e lia “Serial Murders” de personagens burocráticos.

Comentávamos as “Mortes em Casais”, uma notícia do PÚBLICO onde se falava de um velho de 79 anos, residente na Moita, que assassinou a mulher, suicidando-se em seguida, e dum outro que em Sesimbra estrangulou a companheira da sua vida e foi deixá-la ao Hospital de Santa Maria para confirmar.

Ciúmes? Claro, ciúmes de velho são os mais desgraçados e burlescos deste mundo porque só trazem imagens longínquas do passado. Além disso, há a humilhação da impotência, acrescentei eu.

Aí Artur C. fez cara. Nem sempre, disse. Muitas vezes é a voz do passado que comanda o baile e os velhadas, coitados, nem dão por isso. E para ilustrar lembrou as Bodas de Diamante de Etelvina, uma vila dos confins do Maranhão.

Etelvina, explicou Artur C., era nome da terra e nome da mulher mais velha que lá vivia, alguém que nascera com a vila, supõe-se, e que durante sessenta anos vivera um matrimónio sem sobressaltos com um relojoeiro cumpridor. Um casal histórico, portanto. Tão antigo e tão estimado que, no dia das Bodas de Diamante, houve festa nacional com a presença do Governador.

Pois bem. Nessa noite, trementes de felicidade, os dois velhinhos decidiram recordar em posfácio alguns pedaços da vida, entre os quais alguns descuidos de amores, se os houvesse. Ele, muito mirrado, perdera a memória; a mulher, num dia especial como aquele, lembrou um caixeiro-viajante que lhe fizera umas coisitas, era ela pouco mais que menina. E riu-se num riso trémulo, sumido. Casada?, perguntou o velho. E a velha: Sim, mas foi só uma vez.

Lentamente, o velho pôs-se a limpar os óculos. Depois foi ao quarto buscar o fusil de caçar onças, apontou-o com três tiros à cabeça da mulher e sentou-se na cadeira a chorar.

Só isso?, perguntou Artur C.

*Com o andar dos tempos, chegaram a um tal apuro que já não era só Frauny que convocava para as bacanais as diferentes personagens que a habitavam: o próprio Artur aprendera a despertá-las no corpo dela quando lhe apetecia e, assim, tornara-se mestre mágico e absoluto do amor. Somente, uma certa Aileen Gacy, uma lésbica que vivia dentro de Franny, apoderou-se um dia dela e levou-a a queixar-se à Judiciária por abusos morais e sexuais. Violação, numa palavra.*

Intérprete de turistas transviadas, Artur C. praticou mulheres em cinco línguas (fora os dialectos) durante mais de trinta anos. Tinha um gravador escondido no matadouro onde trabalhava as coitadinhos (falo nisto na “Cartilha do Marialva”) para mostrar aos amigos todo o festival de orgasmos, êxtases, desvarios e ordinarices que ele era capaz de lhes fazer cantar na cama. Hoje, com o arrear do mastro, contenta-se com outros relatos: leituras de pedofílias, amores satânicos (a que ele chama “oeuvres de cruauté”, armado em Marquês de Sade), gerontologias macabras e mais curiosidades de valdevinos aposentado.

Cabelo pintado, voz perfumada, falava de Lisboa como Casanova de Seingalt falava de Veneza se não tivesse mundos de cultura e salões de conspiração a darem-lhe universalidade. Ele, coitado, era de Campo de Ourique, mas fazia o que podia, e como Casanova, como Faublas e outros cavaleiros de alcova, teve revezes que o celebrizaram como aquele da Americana Poliglota que lhe deu água pela barba.

Franny Lee, chamava-se ela no passa-

porte, mas estava cheia de outros nomes por dentro, porque era uma texana de múltiplas personalidades, cada qual com a sua língua, cada qual com a sua história e os seus tiques. Artur C. fora recebê-la em serviço ao aeroporto da Portela, vestida de freira carmelita e três meses depois viu-a dizer-lhe adeus à porta do tribunal com um decote até ao umbigo e um anel de ouro na sobrançelha.

Artur C. recorda-a constantemente. Uma gaja imparável. Um espectáculo. Vez por outra vinha-lhe a personalidade puritana, entrava em nojo de homem, misticismo, coisa e tal, ou proclamava-se fria, corpo aberto mas de mármore — e de repente invocava a Jennifer (que era a libertina que dormia dentro dela) e entrava num destes bacanais que Deus te livre. Havia de tudo na Franny Lee. Tudo menos cansaço. Porque quando estavam esgotados ela encarnava-se numa romântica Lilly Blue ou na masoquista Melinda (cada qual com a sua voz) e tudo entrava num vendaval de erotismo e de malvadez.

Com o andar dos tempos, chegaram a um tal apuro que já não era só Franny que convocava para as bacanais as diferentes personagens que a habitavam: o próprio Artur aprendera a despertá-las no corpo dela quando lhe apetecia e, assim, tornara-se mestre mágico e absoluto do amor.

Somente, uma certa Aileen Gacy, uma lésbica que vivia dentro de Franny, apoderou-se um dia dela e levou-a a queixar-se à Judiciária por abusos morais e sexuais. Violação, numa palavra. E pronto, eis Artur C. no banco dos réus.

Ao ouvir falar de “psicose de personalidade múltipla”, soube pela primeira vez que havia doenças libertinas e isso fê-lo aceitar em glória a pena suspensa que lhe foi atribuída.

Durante seis meses fui um jogador de xadrez a manobrar muitas peças na mesma cama, disse-me ele.

“Um géometra das paixões”, lembrei-me eu para citar Lacos. Mas calei-me. ●